

Teixeira, José, 2005, “Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta)”, in *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, nº 19/1 (2005), pp.239-280, Universidade do Minho, Braga.

## **Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (*fruta*)<sup>1</sup>**

José Teixeira  
ILCH - Universidade do Minho  
jsteixeira@ilch.uminho.pt

### **Resumo**

A organização prototípica das categorias pode ser bastante reveladora da forma como a lexicalização linguística é simultaneamente resultado e causa das percepções e do *stock* cognitivo que uma comunidade linguística tem do mundo e das vivências sobre ele construídas. Noções como a de “significado corporizado” são, para a perspectiva cognitiva, o reflexo de que não é possível separar de forma rígida, como as semânticas de fundamentação lógica o pretendem, o conhecimento linguístico e o chamado “conhecimento do mundo”.

Analisando os resultados de algumas centenas de vários tipos de inquéritos sobre o conceito *fruto*, procura-se demonstrar como é que a conceptualização é o resultado de interacções entre os mecanismos linguísticos e os restantes mecanismos cognitivos, organizando-se, as categorias resultantes, em blocos de estrutura prototípica.

Palavras-chave: categorização, conceptualização, protótipo, significado corporizado, significado de comunidade

### **1. Como é que organizamos a realidade em categorias?**

#### **1.1. Categorias e definições**

A definição foi, e continua a ser, a forma mais frequente e tida como mais científica de dizermos *o que é que cada coisa é*. Uma definição, através de características partilhadas por todos os membros de uma categoria, é a expressão das condições necessárias e suficientes para a pertença de qualquer um dos membros dessa categoria.

Definir “homem” como “animal racional” ou “solteiro” como “humano, do sexo masculino, não casado” são dois exemplos clássicos. A definição permite, desta forma,

---

<sup>1</sup> Este trabalho retoma o tema abordado na comunicação apresentada no colóquio *Gramática e Humanismo* (Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 20-22/04/2005) e os dados apresentados no artigo publicado nas actas do referido colóquio. Embora aqui haja uma análise teórica muito maior e se acrescentem novos dados e novas reflexões sobre os mesmos, encontram-se, inevitavelmente, alguns dados e análises comuns aos dois trabalhos.

compreender toda uma categoria através de algumas (tendencialmente poucas) particularidades partilhadas da mesma forma por todos os membros a ela pertencentes.

A definição é entendida como a essência científica reveladora da compreensão do conceito. Os exemplos devem ser apenas ilustrações, comprovações que reforcem a definição e nunca substitutos dela. O significado obtido através da brevidade da definição é entendido como idêntico ao significado construído a partir do conhecimento de todos os membros componentes da categoria. Ou seja, a partir da definição, conseguem-se prever os membros que pertencem ou não à categoria. O próprio termo *de-finir* indica que a finalidade é estabelecer os limites, as fronteiras das categorias.

Foi assim que se construiu a semântica estruturalista e componencial que, à semelhança da fonologia, naturalmente pretendeu descrever as categorias semânticas através de traços opositivos. São as chamadas teorias das Condições Necessárias e Suficientes (CNS). Cada categoria (*homem, solteiro, cadeira, azul*) é definível por um conjunto de traços comuns a todos os membros dotados do mesmo grau de pertença.

## **2. Há uns azuis que são mais azuis do que outros**

Esta maneira de encarar a realidade, no entanto, parece encontrar sérias dificuldades quando reparamos na forma como os falantes descrevem, através das línguas naturais, as suas percepções do mundo.

1) Deveria, aparentemente, de acordo com as teorias das CNS, ser fácil aos falantes, depois de adquirirem a estruturação do mundo em categorias, como *fruto, pássaro, azul, alegria*, definirem uma qualquer dessas categorias. Mas, nitidamente, não é.

2) Não deveria haver dificuldade em reconhecer os membros de cada categoria (*isto é ou não um fruto?; isto é ou não azul?*), já que se supõe que, como as categorias são definíveis, os limites são bem precisos<sup>2</sup>.

3) Os membros de cada categoria deveriam partilhar do mesmo modo as características de uma categoria e não deveria haver, por exemplo, um pássaro que não “fosse bem” um pássaro ou um azul que fosse mais azul que um outro.

---

<sup>2</sup> Mesmo nas categorias científicas mais próximas da definição por condições necessárias e suficientes há, por vezes, autênticos becos sem saída. Recorde-se a problemática sobre a classificação do ornitorrinco que de acordo com as características que possui poderia ser classificado como ave, peixe ou mamífero. Umberto Eco (Eco 1999), a partir deste episódio, em *Kant e o Ornitorrinco*, aborda vários problemas da filosofia do conhecimento e a dificuldade das catalogações através das definições em moldes científicos.

4) Os falantes deveriam recorrer primeiramente à definição quando querem descrever uma categoria (o que raramente acontece) e não aos exemplos (sempre muito mais facilmente).

Estas, entre outras, evidências levaram a levantar uma outra hipótese: as categorias não se organizam por CNS, mas através de modelos (a que se deu o nome de *protótipos*) que funcionam como marcos referenciadores para a pertença a uma categoria.

Nasce, daqui, a chamada semântica do protótipo. A concepção prototípica defende que o significado linguístico se organiza em categorias em que há membros mais (proto)típicos e outros menos: ou seja, do conjunto de elementos pertencentes a uma categoria, uns são mais centrais e outros mais periféricos. Ao contrário das concepções de cariz estruturalista, em que os membros de uma categoria possuem todos o mesmo estatuto, na concepção prototípica o grau de pertença à categoria varia entre muitos membros do grupo. Os conceitos de *cadeira*, *azul*, *correr*, assentam em modelos categoriais que fazem com que haja algumas cadeiras “mais cadeiras” que outras, que haja vários azuis, mas que um desses tipos seja um azul “mais azul” que os outros<sup>3</sup>.

### **3. O protótipo e a dinâmica cognitiva**

O protótipo será, assim, a estrutura conceptual modelar que, para os falantes, corresponde prioritariamente a uma determinada conceptualização. Não pode ser entendido como, no início, o foi: uma “coisa” que representa toda uma categoria. Por exemplo, entender-se que há um determinado pássaro concreto que é o modelo através do qual construímos a categoria *pássaro*. Esta coisificação cognitiva não é, obviamente, defensável, porque os efeitos de prototipicidade não se verificam apenas relativamente a realidades físicas como *ave* ou *fruto*, mas, pelo menos, a todas as organizações mentais linguisticamente traduzíveis. Assim, podemos falar não só no(s) uso(s) prototípico(s) do substantivo *pássaro*, mas também do verbo *deixar*, da preposição *sobre* ou do advérbio *agora*. O protótipo corresponderá, assim, a um “modelo mental de base”, através do qual configuramos determinada parte da realidade que sistematizamos num particular item

---

<sup>3</sup> Sobre a noção de protótipo, ver, por exemplo, Teixeira 2001: 61-80 e Silva 2004:79-96. A noção de protótipo foi primeiramente utilizada e desenvolvida em Antropologia (Brent Berlin e Paul Kay no estudo da percepção das cores). Foi sobretudo nos anos setenta do século XX que Eleanor Rosch e a sua equipa de investigação em Psicolinguística utilizaram e desenvolveram o conceito de protótipo no estudo da categorização das cores, das aves e de outras classes linguisticamente traduzíveis em conceitos lexicalizados (E. Rosch: 1973, 1975, referindo apenas os trabalhos iniciais).

lexical. Esse modelo mental não é necessariamente rígido, único e uniforme, podendo organizar-se em variantes derivadas e inter-relacionadas<sup>4</sup>.

O protótipo será, pois, uma espécie de modelo, simultaneamente filtrador e orientador para a inserção de um elemento numa categoria. Quando, perante algo que nos aparece como novo, fazemos a pergunta “o que é isto?”, estamos a tentar inseri-lo numa das categorias que temos estruturadas ou receptivos a conhecer/construir nova categoria.

A aprendizagem da categorização linguística mostra-nos o processo. É o que demonstra este “diálogo”<sup>5</sup> entre José João (2 anos e meio) e José António (5 anos), apontando para o peixe assado na mesa:

José João:  
-Chicha!  
José António:  
-Não é! É peixe!  
José João:  
-Chicha!  
José António:  
-Peixe!

E a discussão continuou até os adultos tomarem partido.

Para a criança mais nova, o seu modelo categorizador, o seu protótipo de *chicha* incluía quer a *chicha* propriamente dita (carne), quer o peixe. As diferenças entre uma coisa e outra ainda não se tinham constituído em filtros que impedissem a simbiose entre as duas categorias. É o tão conhecido fenómeno da superextensão categorial infantil.

Se o protótipo não é um objecto, é um modelo que pode ser mais bem representado por determinado objecto. E os próprios elementos mais comuns da categoria servem como marcos referenciadores para a inserção ou não do elemento novo na mesma categoria a que pertencem.

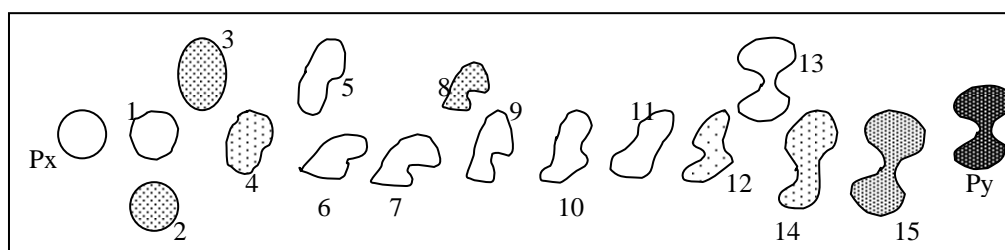


Figura 1

Perante os dois objectos prototípicos Px e Py (Figura 1), o que é que vai decidir a que categoria pertencem os elementos 1, 2, 3, ..., 15?

<sup>4</sup> Veja-se Teixeira 2001, em que se analisa a estruturação prototípica de *frente/trás*, mostrando-se como a organização linguístico-cognitiva deste vector da espacialidade corresponde a vários modelos mentais cognitivamente interligados.

<sup>5</sup> Presenciado por mim, ao almoço, no dia em que escrevo esta parte do artigo.

Não é a quantidade de traços comuns entre cada um e o protótipo, mas os traços seleccionados como mais pertinentes para a pertença à categoria. Assim, por exemplo, o elemento 2 pode pertencer à categoria X se se tiver em conta um determinado aspecto (representado pela circularidade), mas poderá ser categorizado como Y se se tiver em conta um outro aspecto (o que aqui é representado pelo “preenchimento”). Por que é que o tomate não é inserido na categoria *fruta*? Pelas suas características botânicas, pelo aspecto, pela cor, porque dá sumo e por muitas outras características, poderia sê-lo. Mas como tem uma utilização muito semelhante à dos legumes, é, usualmente, inserido nesta categoria.

O protótipo e os efeitos de prototipicidade<sup>6</sup> indicam, portanto, que a categorização não se faz por conjuntos de condições necessárias e suficientes, mas por associações cognitivas entre um modelo prototípico e uma determinada realidade a categorizar. É esta, penso, a essência mais revolucionária do novo paradigma da semântica cognitiva. Não será, com certeza, o único elemento que distingue a teoria do protótipo das concepções clássicas componenciais, mas é, na sua simplicidade uma nova forma de entender o processo conceptualização-linguagem.

#### **4. Categorização, conhecimento científico e conhecimento do mundo**

Como é que, na actividade linguística, os falantes podem ter acesso aos conhecimentos manipulados pelos interlocutores nos modelos mentais que entram em jogo? Aceitando-se que o ALOC descodifica as codificações feitas pelo LOC, como é que o referido ALOC tem acesso à codificação feita na origem?

De forma directa, não tem.

Ao contrário do que frequentemente se diz, por simplificação, o LOC não transmite *palavras* que o ALOC *descodifica*. Ninguém pode, em sentido pleno, transmitir *palavras* a ninguém. Transmitem-se, apenas, os representantes dos significantes. Em rigor, o ALOC não tem acesso à codificação semântica que o LOC efectuou. O mesmo ALOC terá de servir-se dos seus mecanismos cognitivos e dos vários conhecimentos armazenados (o designado “conhecimento do mundo”, no qual se inclui o conhecimento linguístico, o conhecimento científico, crenças várias, mitos, etc.) e construir um modelo semântico que corresponda ao que o LOC actualiza quando usa o significante que lhe transmitiu:

---

<sup>6</sup> Ver Silva 1999, pp. 28-37.

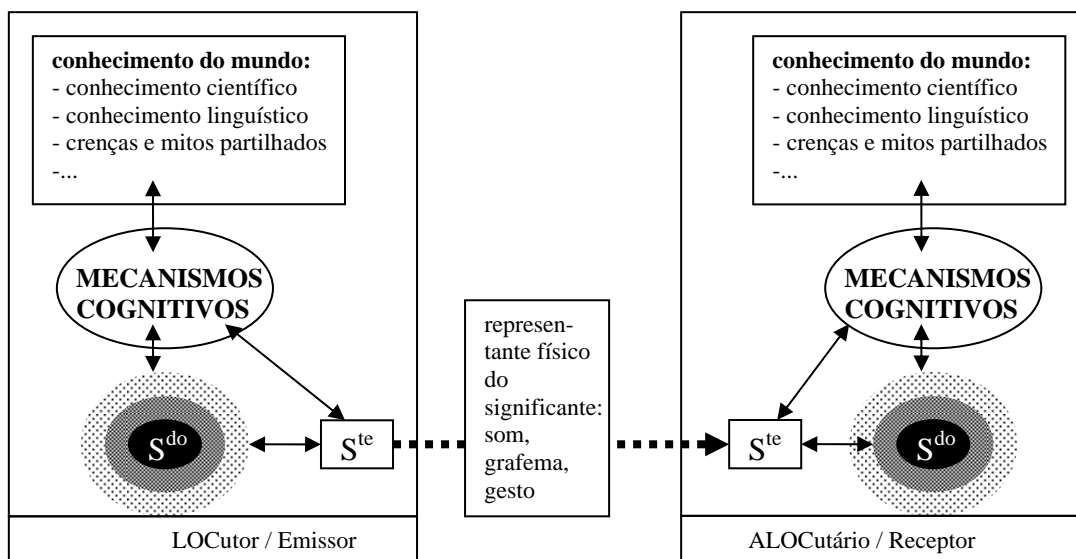


Figura 2

Como a Figura 2 procura ilustrar, o LOC apenas pode transmitir ao ALOC o representante físico do significante, que pode ser um som (como habitualmente é), mas também pode constituir-se em grafema, gesto, código morse, etc. O ALOC, receptor do significante linguístico, liga esse sinal a um determinado modelo mental construído e que supõe equivalente ao do LOC.

A comunicação funciona porque os dois interlocutores pressupõem que cada um, para o mesmo significante, acciona um modelo semântico comum ou equivalente.

Ora o conceito clássico de *descodificação* pressupõe que os elementos e valores semânticos presentes no LOC se *transmitem* para o ALOC, assim como uma espécie de telefonema mental e cognitivo: qualquer coisa semântica que *vai* do LOC para o ALOC. Por isso é que se fala de *descodificação*. Uma descodificação consiste no uso de um código comum (a língua) aplicado ao mesmo objecto que foi codificado (signo, composto de significante-significado).

Basta ver o esquema que aparece em Saussure<sup>7</sup> (Figura 3) e que se tornará um dos ícones sempre repetidos, para explicar o funcionamento da comunicação linguística, na perspectiva estruturalista.

<sup>7</sup> Na edição portuguesa (Saussure 1978)

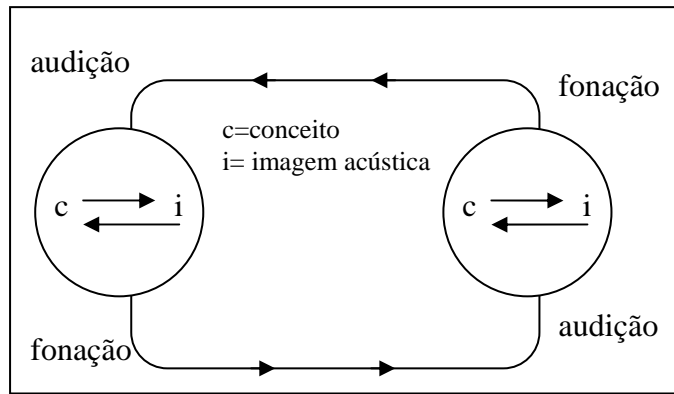


Figura 3

Entende-se que o percurso da mensagem linguística é simetricamente reversível em qualquer acto de comunicação, já que um mesmo significante está sempre unido a um mesmo significado, formando um dicionário colectivo igualmente partilhado por cada um dos membros da comunidade linguística:

A língua existe na colectividade sob a forma de uma série de marcas depositas em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário de que todos os exemplares, idênticos, estivessem repartidos entre os indivíduos. É, portanto, qualquer coisa que está em cada um deles, sendo comum a todos e situada fora da vontade dos depositários. (Saussure 1978:49)

Por isso, transmitir o significante equivale a transmitir sempre o mesmo significado. Ou seja, cada significante não transmite **um** significado, mas sempre **o seu** significado. Significantes e significados são, por isso, idênticos para todos (Figura 4).

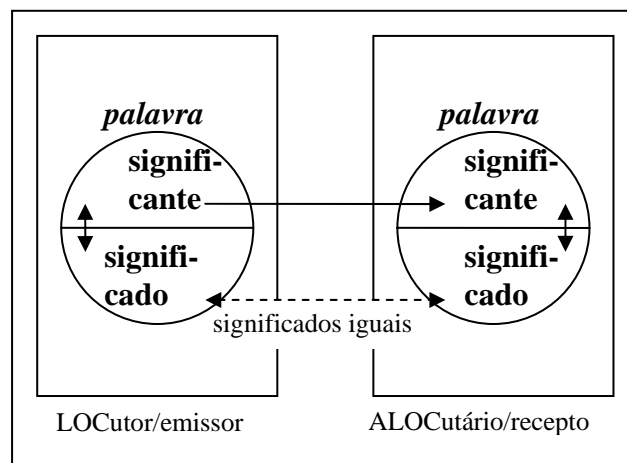


Figura 4

Daqui decorre a “obrigatoriedade”, a que a semântica clássica se via ligada, de separar *conhecimento linguístico* e *conhecimento do mundo* ou *enciclopédico*. É que para haver um significado *comum* entre LOC e ALOC e dado que esse significado não se

transmite fisicamente, ter-se-á que depositar no sinal físico (significante) a esperança que corresponda à mesma estrutura semântica, quer no LOC, quer em todos os ALOCs.

Por isso, em tal perspectiva teórica, para os valores semânticos serem comuns a todos os falantes, a informação linguística tem que ter um estatuto autónomo relativamente a toda a outra informação que o falante possui, já que esta última detém, como é bom de ver, uma componente individual que, por definição, varia de falante para falante.

Numa perspectiva cognitiva, no entanto, a organização conceptual, a nível semântico, não pode ser independente dos conhecimentos que os falantes têm sobre o mundo, onde se incluem os conhecimentos comuns, os científicos, as crenças e os mitos comunitariamente partilhados sobre o mesmo mundo. Ora se estes conhecimentos variam de falante para falante, como é que é possível que a comunicação funcione e funcione tão bem?

Obviamente, porque nem todo o conhecimento armazenado corresponde a conhecimento linguisticamente categorizado. As categorias linguísticas estruturam este conhecimento, partem dele, mas não se podem confundir com a sua totalidade. O falante, obviamente, sabe que para comunicar com o outro tem que assentar em pressupostos comuns, quer relativos ao código formal utilizado, quer relativos aos conteúdos que se pressupõem comuns.

Ou seja, em cada acto de comunicação, o falante, quando utiliza o conceito X, filtra aquilo que, de X, pensa não ser comum ao seu interlocutor, de tal modo que quando ambos usam X se pressupõe que o usam numa base comum. É o que se pode identificar com o conceito de *significado de comunidade*<sup>8</sup>.

Isto implica que o falante pode ter de eliminar um (grande?) conjunto de potenciais dados que não pode investir na categoria linguística de X, tais como os dados das suas experiências pessoais e, sobretudo, todos os conhecimentos que pensa não serem partilhados pela comunidade. De todos os conhecimentos que tem sobre X, construirá uma categorização organizada prototipicamente e que contém as associações que linguisticamente são válidas para X.

Difícilmente alguém deixará de perceber e utilizar o conceito de *espinhos* ligado ao conceito de *rosas*, mesmo que saiba que tecnicamente as rosas não têm espinhos, já que o espinho não é destacável (como o é nas rosas) do caule em que se situa. Do mesmo modo, mesmo um especialista em mineralogia utiliza e entende uma frase como

O quadro da sala de aula está todo riscado com giz de cor.

---

<sup>8</sup> Ver, sobre o *significado de comunidade*, Teixeira, 1996.



apesar de técnica e cientificamente ser o quadro que risca o giz e não o giz que risca o quadro<sup>9</sup>. O mineralogista intui que o conceito de *riscar* que deve utilizar na língua da comunidade não pode ser o “seu” *riscar* técnico, mas o *riscar* como a comunidade o percebe cognitivamente e linguisticamente.

Isto significa que a semanticidade linguística se alicerça mais sobre os universos de crenças aceites pelos falantes do que propriamente nos conhecimentos científicos que os mesmos falantes possuem. Estes universos de crenças corresponderão aos “mitos” frequentemente identificados como orientadores e insensores categoriais<sup>10</sup>. Neste fundo cognitivo, comumente partilhados pela categorização semântica de uma comunidade linguística, podem coexistir, sobre a mesma realidade, visões e conhecimentos realmente antagónicos, o que não é impeditivo de uma boa comunicação. Hoje em dia, em português, expressões referentes ao Sol como *já se ergueu*, *já vai alto*, *está a fugir* correspondem efectivamente a conhecimentos e crenças verdadeiramente opostos. Há quem não saiba (ou ainda não saiba, como as crianças) que efectivamente não há movimento do Sol relativamente à Terra. No entanto, mesmo no que toca à manipulação e conceptualização semântica de campos como estes, sobre os quais os falantes não possuem o mesmo *stock* cognitivo, a língua continua a funcionar: *e pur si muove*, como diria Galileu.

Para as teorias componenciais, que separavam o conhecimento linguístico do chamado conhecimento do mundo, esta relação era facilmente estruturável (Figura 5).

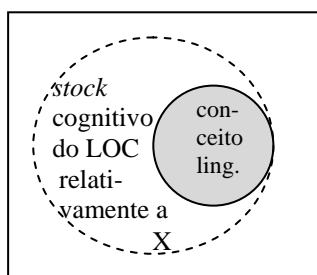


Figura 5

Os conceitos linguísticos, para serem comuns a todos os membros de uma comunidade, tinham que se demarcar nitidamente do *stock* cognitivo individual (a linha contínua representa, no esquema, essa separação). E no uso, por mais distintos que fossem

<sup>9</sup> Na realidade, em mineralogia considera-se que A risca B apenas se A for de um grau de dureza maior e por isso desgastar (fizer um sulco em) B. Nesta perspectiva, o quadro só será riscado com um prego ou outro instrumento que faça sulcos na sua superfície. Com o giz, tecnicamente, é o quadro que desgasta (“risca”) o giz e não o inverso.

<sup>10</sup> Ver Lakoff 1987 e como na categorização do *dyrbal* o conhecimento específico, como o mitológico, tem preferência sobre todo o outro conhecimento.

os conhecimentos do mundo dos intervenientes, o semema da unidade linguística seria sempre comum a todos (Figura 6).

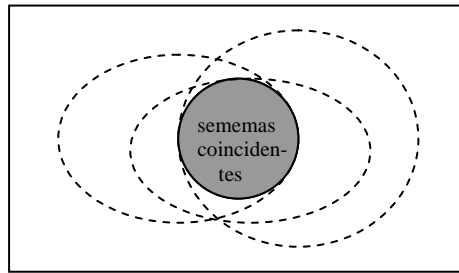


Figura 6

A perspectiva cognitiva, ao introduzir a estruturação prototípica das conceptualizações, resolve não apenas o problema da (in)existência de semas comuns a todos os usos polissémicos e discursivos, como muito mais facilmente suporta a relação imbricada entre o conhecimento linguístico e —a querer distingui-los— todos os outros tipos de conhecimento. Na verdade, as conceptualizações podem não coincidir em absoluto entre todos os falantes e nelas não é linearmente separável o conhecimento linguístico do(s) outro(s) tipo(s) de conhecimento. Por isso, é que não há sememas necessariamente comuns a todos os falantes, mas modelos (mentais, pode ser este o adjectivo) que, obviamente, assentam em conhecimentos e crenças partilhados comunitariamente e organizados em estruturações de carácter prototípico (Figura 7).

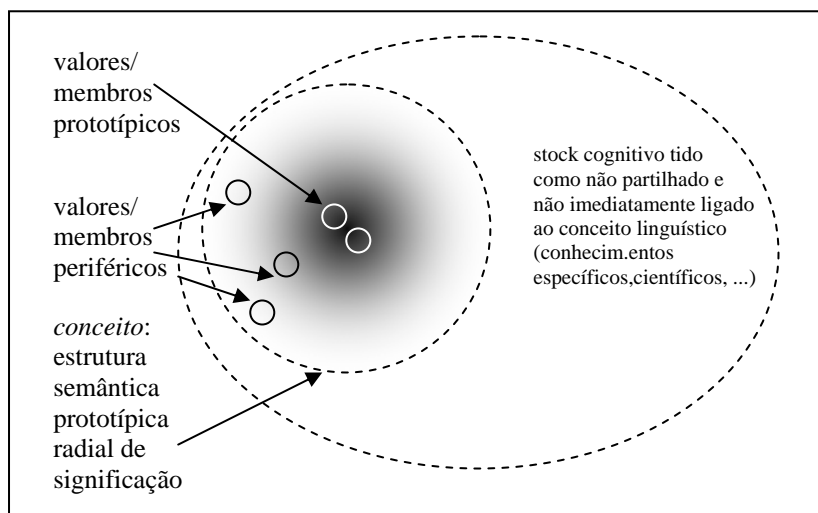


Figura 7: Modelo prototípico

Dado que a organização semântico-conceitual não é absolutamente idêntica entre todos os falantes, pode não haver coincidência perfeita entre todos na comunidade linguística, havendo, no entanto, em cada estado sincrónico, uma “zona de coincidências” que a estruturação prototípica de cada falante procura apreender e usar (Figura 8).

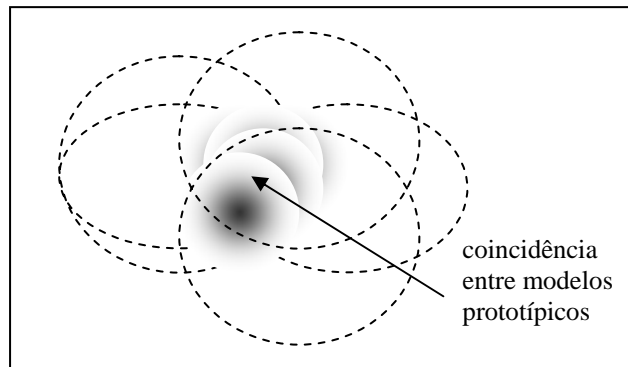


Figura 8

É esta organização que permite a clássica “mudança linguística”, que acontece quando há deslocação de uma zona central para uma periferia que por diversos motivos começa a exercer uma força de atracção que até aí não possuía.

Depreende-se, do que tem vindo a ser explanado, que o protótipo não poderá ser entendido como **um** elemento representativo de uma categoria, uma realidade objectual e discreta, mas terá que ser concebido no sentido de Lakoff (1987), como “modelo cognitivo idealizado”, o que implica ser construído mentalmente pelas experiências cognitivas e associativas dos falantes e não pelas taxionomias científicas.

É precisamente esta perspectiva teórica que seguidamente, através da descrição da(s) categoria(s) *fruto/fruta*, se procurará demonstrar.

## 5. A categoria *fruto*

Dado que o linguista não tem acesso directo à organização semântico-cognitiva que o falante manipula nos seus usos linguísticos, terá que se servir de meios (indirectos) que, na medida do possível, ajudem a vislumbrar a forma como se organizam os conceitos e os modelos semânticos.

Assim, embora não se possa visualizar a estruturação de uma categoria, pode-se, pelo menos nas categorias cujos referentes directos são passíveis de observação, num primeiro momento, verificar que membros mais típicos e mais recorrentes é que a constituem. Posteriormente tentar perceber que redes semânticas organizam e suportam a categoria.



Através dele podemos constatar uma primeira conclusão que se afigura óbvia: para os falantes, a categoria *fruto* evoca alguns membros muito mais facilmente que outros. Essa diferença de evocação não é fruto do acaso, como facilmente se intui e o gráfico comprova. A linha que representa a frequência de evocação é suficientemente explícita na sua queda a partir de um grupo relativamente restrito de elementos.

Mas, poder-se-ia argumentar, o número global pode não provar efectivamente esse poder de facilidade de evocação que aqueles membros possam ter. Por exemplo, um determinado fruto, que na globalidade aparece nos primeiros lugares, pode ter conquistado essa posição em virtude de ter obtido um número muito elevado de respostas apenas num ou noutro inquérito. A sua característica de evocabilidade não seria, portanto, atribuível à organização categorial mas a uma determinada circunstância aleatória<sup>13</sup>.

O número de inquéritos (seis) é uma primeira salvaguarda desta objecção. Para além disso, se repararmos nos resultados globais dos mesmos vemos a coincidência muito acentuada entre os respectivos resultados. Cada fruto tem uma citação percentual muito equivalente em cada um dos inquéritos (Figura 11).<sup>14</sup>

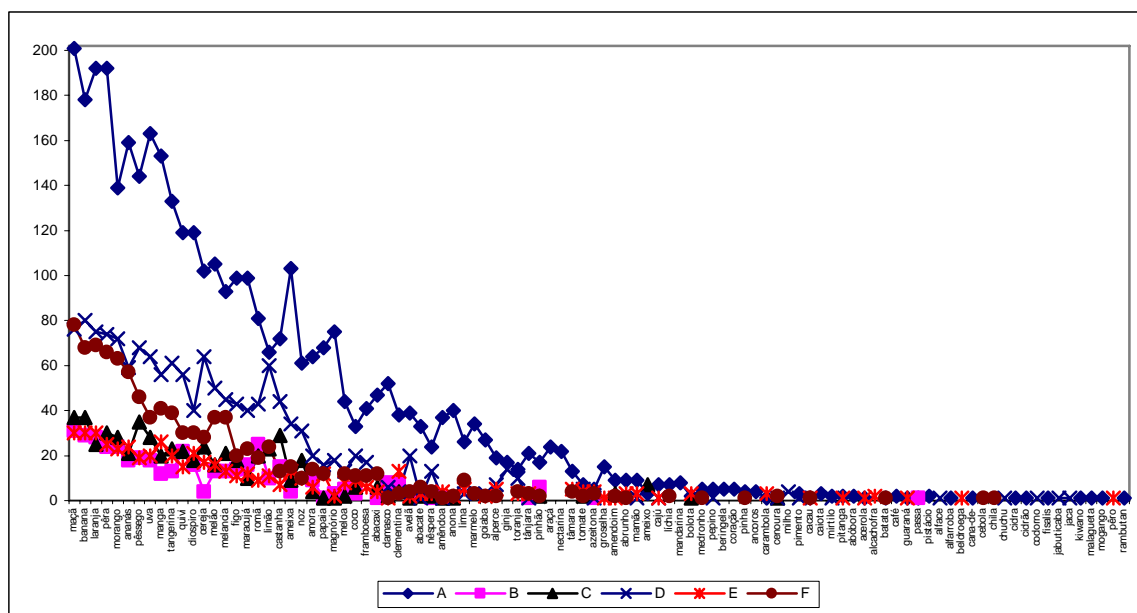


Figura 11

Importante é igualmente o facto de haver 31 frutos comuns a todos os inquéritos e 21 deles ocuparem ininterruptamente os 21 primeiros lugares<sup>15</sup>. E se repararmos num gráfico

<sup>13</sup> Por exemplo, se se fizesse um inquérito sobre frutos dentro de uma fábrica de tratamento de amêndoas, era natural que, nas respostas, a amêndoa ocupasse um dos primeiros lugares. Daí não se poderia concluir que efectivamente a amêndoa é um membro facilmente evocado pela categoria *fruto*, porque outros inquéritos feitos noutras circunstâncias provariam o contrário. A evocação, no caso referido, era meramente contextual, muito mais ligada a factores pragmáticos do que à configuração semântica do conceito.

<sup>14</sup> O caso de desnível mais substancial (o limão) será analisado mais à frente.

<sup>15</sup> Ver a tabela com os resultados totais em Anexo 1 final.

(Figura 12) relativo às citações dos 31 frutos que aparecem em todos os inquéritos, vemos como é proporcional o respectivo peso na referida série e como as linhas que os representam têm um desenho gráfico muito equivalente<sup>16</sup>.

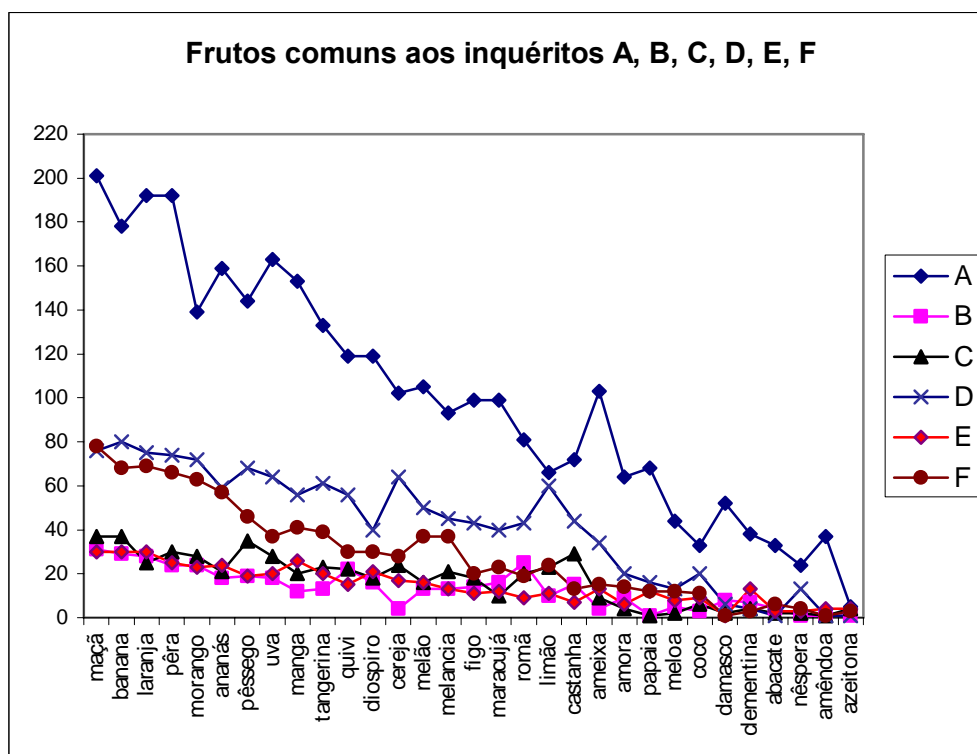


Figura 12

Este conjunto de dados prova –penso que inequivocamente—que há um determinado grupo de frutos que, mais do que todos os que assim possam ser considerados, é muito mais facilmente evocado pelos falantes do Português Europeu (PE).

Que valor, dentro do quadro da percepção prototípica do conceito, podemos dar a esta maior evocabilidade? Deverá ser entendida como equivalente ao protótipo? Ou seja, poder-se-á deduzir que o elemento mais facilmente evocado pela categoria corresponde ao protótipo da mesma?

A resposta é, obviamente negativa: para além de alguns leitores apressados de semântica cognitiva, já ninguém aceita a noção de protótipo como a de “melhor exemplar”. Até porque colocar assim a questão é entrar-se no ridículo de aceitar que um objecto/exemplar concreto corresponde a um modelo mental estruturador da categoria. Por outro lado, os resultados dos inquéritos mostram que a diferença entre os elementos mais citados não é abrupta, mas contínua, gradual. Ou seja, num inquérito pode ser a maçã o fruto mais citado (como foi em A, B e F), mas noutros pode ser outro fruto (em D, *maçã*

<sup>16</sup> Nas séries de menores valores (B,C,E) não se visualiza tão bem a correspondência entre as linhas já que na escala global representam valores baixos sem diferenças tão acentuadas como as linhas dos inquéritos A, D e F.

76, *banana* 80) ou haver empate (em C, *maçã* e *banana* com 37 cada e em E *maçã*, *banana* e *laranja* com 30 cada).

Os dados demonstram, assim, que estatisticamente não se pode afirmar que há um (mesmo um) fruto que é o primeiro ou o protótipo objectual da categoria. O que indicam é que há uma relativa invariância do lugar que cada fruto ocupa em inquéritos que retratem a facilidade de evocação da categoria.

Como é que devemos interpretar esta facilidade de evocação? Que resulta de uma ligação às particularidades mais características da categoria, parece não ser questionável. Deverá ser entendida, então, como representando o grau de prototipicidade da categoria? Ou seja, haverá uma proporcionalidade directa entre a facilidade de evocação e o grau de prototipicidade.

As relações, a nível cognitivo, não são, por norma, unifactoriais, por muito que isso agradasse a concepções mais ou menos mecanicistas da cognição. A evocabilidade é apenas uma das manifestações da prototipicidade. É consequência e não causa, conjugando-se com múltiplos factores, alguns dos quais puramente contextuais. Por exemplo, nestes inquéritos, os lugares muito cimeiros das uvas e das castanhas (8º e 20º, respectivamente, numa listagem de 98 frutos)<sup>17</sup> obtiveram resultados bastante significativos talvez pelo facto de quase todos os inquéritos se terem realizado na época posterior às vindimas e próxima da das castanhas. Muitos foram feitos em escolas e por esta altura os alunos dos primeiros níveis de ensino realizam muitos trabalhos escolares sobre estes dois temas, como facilmente se pode comprovar pelos manuais escolares. Penso, no entanto, que não se pode dizer que estes factos distorcem os resultados. A grande importância sócio-cultural que as uvas e as castanhas possuem é simultaneamente causa e consequência do lugar de destaque que ocupam no imaginário colectivo, o que se reflecte necessariamente no conceito de *fruto* em Português Europeu.

Outras situações do género, como a de *romã*. Ocupa um lugar (18º) que não corresponde ao lugar efectivo que tem enquanto fruto no dia a dia, estando à frente de frutos muito mais comumente utilizados como *castanha*, *ameixa* e *melo*. A romã, no entanto, deve o seu lugar mais ao imaginário do que à utilização prática. Antes da vulgarização dos frutos exóticos nas últimas décadas, a romã era o fruto mais exótico que tínhamos, desde a sua coroa real até à sua constituição interna. Hoje, embora não sendo um fruto vulgar, sendo mesmo um fruto que praticamente não dá para comer, alicerçada numa semelhança física com frutos típicos, continua a entrar frequentemente como exemplo nos

---

<sup>17</sup> Ver listagem em Anexo 1 final.

livros escolares, onde ajuda nas palavras começadas por *r* e nas que têm o som *ã* final (que não são assim tantas...). Penso que muita gente que cita a romã como exemplo de fruto, nunca ou poucas vezes comeu romãs. Estes factos, aparentemente laterais, ajudam a perceber como na pertença de determinados elementos a uma categoria são importantes os factores que relevam do imaginário (os “mitos e crenças”) e não somente a experienciação física.

Compreende-se, assim, que são múltiplos e diversos os factores que contribuem para a constituição de uma categoria e variados os aspectos cognitivos que presidem à sua constituição e funcionamento, já que tudo o que se viu confirma como as categorias são dinâmicas e por isso mesmo continuamente adaptáveis.

### 5.2. *O fruto é uma coisa que...: os conceitos de fruto e fruta*

Se repararmos nos frutos mais citados (Figura 13), dificilmente encontramos pontos comuns a nível de aparência física. Na cor não se vê que haja qualquer uniformidade, antes pelo contrário. Relativamente às formas, basta comparar os dois primeiros (*maçã/banana*) e estes com outros muito citados como *pêra, morango, ananás*, para constatar as profundas diferenças de morfologia.

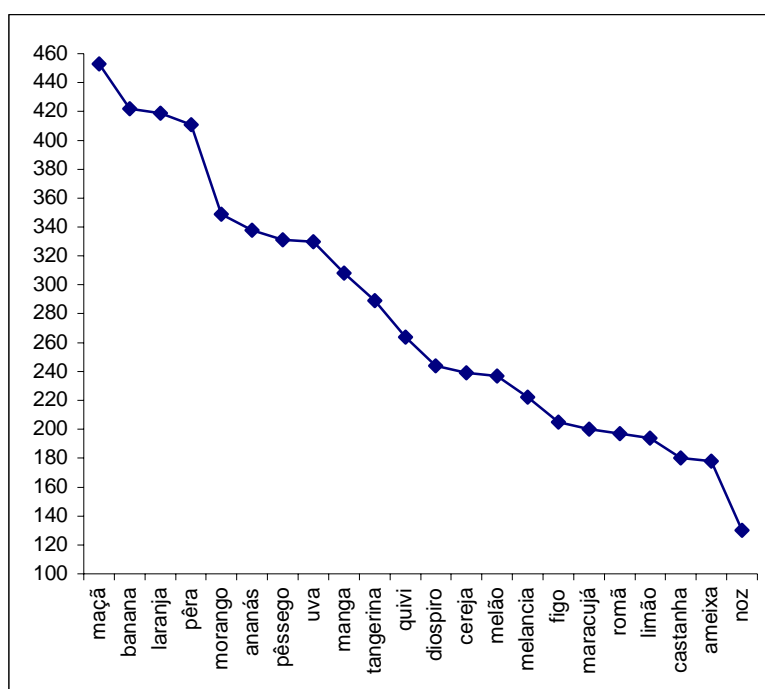


Figura 13: frutos mais citados, até ao 1º não comum aos 6 inquéritos (*noz*)

Não pode ser, portanto, a forma ou aparência física dos objectos em si que, no caso de *fruto* está na base da construção da categoria. Esta constatação é assaz importante para



confirmar que não é a morfologia dos objectos, por si mesma, nem “qualquer coisa de comum”, que entre todos se pudesse encontrar, a servirem de base categorial.

Ao analisarem-se os resultados dos vários inquéritos (e da soma global) não pode passar em claro a estabilidade de posição que cada fruto globalmente ocupa nas escalas resultantes dos mesmos inquéritos. Esta “coincidência” não é ocasional, mas sistemática (desde que os inquéritos se realizem em circunstâncias neutras e tenham um número significativo de respostas). Isto demonstra, portanto, que há vectores constantes componentes de um determinado modelo sobre o qual repousa a categoria.

Que vectores são esses? Naturalmente serão as linhas que cozem a estrutura do conceito, ou seja os aspectos que, para os falantes, serão mais decisivos para inserir determinada realidade na categoria *fruto*. Estes parâmetros cognitivos servem para cada falante construir o modelo que, em situações concretas, lhe irá possibilitar várias tarefas. Nas suas actividades cognitivas, para verificar se determinada realidade é um membro central, periférico ou duvidoso da categoria. Na codificação (enquanto LOC) aplica-o às realidades que considera pertencerem à categoria. Na descodificação (enquanto ALOC) serve para prever as características de uma qualquer realidade a que um LOC atribuiu a designação de *fruto*.

Como se compreenderá, em cada categoria, serão dotadas de especificidade as respectivas linhas organizadoras, o que não invalida, no entanto, que não se possam talvez encontrar padrões estruturais comuns a outras categorias.

Assim, num dos inquéritos realizados, pedia-se ao inquirido que caracterizasse *fruto*. O inquérito consistia simplesmente em meia folha A4 com 14 linhas que aparecia encimada com a expressão

Um fruto é uma coisa que

---

Pedia-se que completassem como quisessem.

Não apresentando aqui a sistematização dos resultados, os dados, a serem entendidos como revelando algo sobre a estruturação cognitiva do conceito, apontam nitidamente para a organização prototípica do mesmo. Os inquiridos ao descreverem o que é um *fruto* não apresentam, obviamente, uma definição científica, baseada em Condições Necessárias e Suficientes (CNS), tal como o fazem, em opção única ou inicial, os dicionários actuais. Sirva de exemplo um dos mais completos e actuais dicionários do Português:

**fruto** *s. m.* (sXIII cf. FichIVPM) **1** MORF. BOT Órgão formado pela maturação de um ou mais ovários, freq. associado(s) a estruturas acessórias, que apresenta grande variedade de formas e ger. contém sementes; carpo **2** MORF. BOT estrutura fértil dos vegetais que não se reproduzem por sementes; é ger. um receptáculo de esporos; frutificação **3** m.q. FRUTA [...] (Houaiss, Instituto de Lexicografia Antônio, 2003, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Temas e Debates, Lisboa.)

Os falantes descrevem sobretudo (e prioritariamente) os aspectos que têm maiores implicações vivenciais e corporizadas<sup>18</sup>:

- O aspecto que aparece quase sempre referido em primeiro lugar é o da função: o fruto é uma coisa que “serve para comer”<sup>19</sup> (em cerca de 80% dos inquiridos);
- Em seguida, e dentro da mesma percentagem, aparece a situação da realidade conceptualizada em relação ao eixo *Bom—Mau* (“é bom”, “faz bem”, “é delicioso”, “é saboroso”);
- A origem (“nasce nas árvores”, “vem das plantas”) parece ser o terceiro aspecto destacado (mas em muito menor percentagem que os dois aspectos anteriores);
- As outras características prototípicas vêm a seguir (“é doce”, “dá para fazer sumos”, “tem vitaminas”, “usa-se nas sobremesas”, “come-se cru”, “usa-se na cozinha”, “variedade de cores”, “amadurece”, “é **normalmente** redondo”) Os falantes sabem que estas características são “apenas” prototípicas: podem não existir num ou noutra fruto ou não existirem no mesmo grau de intensidade em todos.
- A prova do que se disse anteriormente pode ver-se na referência a características não prototípicas, indicadas para demonstrarem que o falante sabe que nem todos os frutos são iguais e que o mesmo conceito cobre realidades que podem apresentar um ou outro aspecto diverso ou mesmo contrário aos aspectos prototípicos (“**pode** ser venenoso”, “**nem sempre** se come”, “**pode-se** cozinhar”, “**pode** ser amargo”, “**pode** ser verde”, “**pode** ser ácido”, “**pode** nascer no chão”).
- Referência (raramente) a extensões metafóricas do conceito (“nós também somos frutos dos nossos pais”)

---

<sup>18</sup> Ver o conceito de “embodied meaning” em Lakoff 1995 e Teixeira 2001: 88-91.

<sup>19</sup> A importância da funcionalidade (o *para que serve*) parece ser uma vertente prioritária na compreensão e estruturação conceptual humana. Veja-se, a propósito Teixeira 2001:103-109 e a definição de *pai* dada pelas crianças (nota 27, p.105).

Seria interessante verificar, em análises a outros conceitos que cubram realidades mais ou menos semelhantes, até que ponto este esquema conceptual é recorrente. Parece-me não ser muito difícil aceitar que os mecanismos cognitivos com os quais conceptualizamos o mundo têm de assentar num esquema base que procura não apenas dar-nos a descrição da realidade em si mesma, mas sobretudo estabelecer as potenciais relações entre essa realidade e o próprio ser humano. Ora as relações prioritárias passam, sem dúvida, por aquelas que presidem à organização do conceito de *fruto*:

1. para que serve?
2. é bom ou mau?
3. qual a origem/pertença?
4. quais são as particularidades mais salientes?
5. quais são as particularidades que, entre as mais salientes, podem não estar presentes em certos casos?
6. a que outras realidades se pode (metaforicamente) aplicar?

Isto não significa que cada categorização não é mais do que o conjunto de respostas a estes itens. Seria ridiculamente simplista pensar assim. Apenas se quer dizer que a estrutura básica dos conhecimentos a sistematizar procura prioritariamente respostas àquelas questões. No entanto, nem todas possuem o mesmo peso. As duas últimas (5. e 6.), por exemplo, corresponderão, apenas, a uma fase em que o conceito se encontra bem estruturado. Na realidade, uma (5.) implica um conhecimento dos chamados “membros periféricos”, ou seja, um conhecimento das fronteiras mais distantes da categoria. Quando um falante diz que um fruto “pode não ser doce” está a dizer que normal e prototipicamente os frutos são doces, mas que quem conheça não apenas os frutos mais típicos mas a estrutura global da categoria sabe que há frutos que, apesar de assim poderem ser designados, não são doces. A outra (6.) pressupõe um uso simbólico da linguagem e a utilização de metáforas linguísticas expressando metáforas conceptuais<sup>20</sup>.

Tradicionalmente a análise linguística tem esquecido esta dinâmica estruturadora dos conceitos semânticos. Em primeiro lugar, separando vincadamente o “conceito cognitivo” (passe o que há de pleonasma) do “conceito linguístico”, como o fez toda a tradição de análise componencial em CNS. Em segundo lugar (e também por causa do anteriormente afirmado) ao entender a organização semântica do léxico, em muitos aspectos, como relativamente independente do *stock* cognitivo que os falantes possuem. Isto é, ao descrever-se uma entrada lexical X, procura-se mais o “verdadeiro” valor de X e não tanto

---

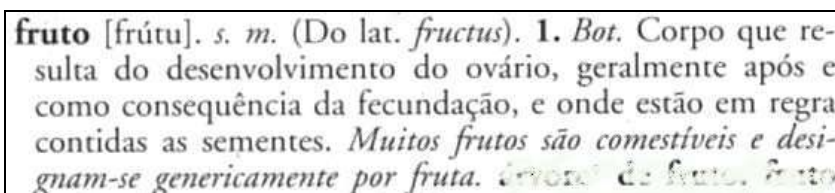
<sup>20</sup> No uso de metáfora (como aparece em Lakoff e Johnson, 1980) enquanto dupla realidade: mecanismo cognitivo –metáfora conceptual—e expressão linguística desse mecanismo.

o valor que a generalidade dos falantes lhe atribui. O significado foi frequentemente entendido como a adequação verdadeira entre um termo linguístico e a realidade. Nesta noção de significado, é muito mais importante o que a realidade é “em si” (seja isso o que for) do que a perspectiva que o falante tem sobre a mesma, ou seja, o resultado da sua actividade cognitiva e conceptual codificada linguisticamente. Se o conceito do falante estiver “errado”, ele não pode corresponder ao “verdadeiro” significado, devendo este respeitar os dados tidos como (cientificamente) correctos.

As manifestações mais visíveis destes processos são ilustradas pelos dicionários (unilingues, sobretudo), vistos como fornecendo o significado das palavras. E que significado é que os dicionários apresentam? Como vimos, prioritariamente o significado de cariz científico, já que para além de ser tido como mais próximo da verdade é aquele que melhor consegue descrever a realidade através das CNS. E por isso é que um fruto é definido como “*órgão gerado pelos vegetais floríferos, e que conduz a semente. Resulta do desenvolvimento do ovário em seguida à fecundação. [Sin(ónimo): carpo.]* (Aurélio, 1999).

Por outro lado, os mesmos dicionários também sabem que este não é o significado linguístico, no sentido de significado projectado pelos falantes nos lexemas que utilizam nas interacções linguísticas habituais. E como também querem apresentar o valor que a palavra tem na realidade da língua, frequentemente misturam a definição científica com o conceito linguístico, pensando que aquela (a definição científica) é a forma mais correcta de compreender o último (o conceito linguístico). Ora nem sempre é assim. Por vezes, as duas realidades não coincidem, correspondendo antes a dois âmbitos diferentes.

Repare-se na parte inicial da entrada *fruto* no melhor e mais completo dicionário que temos sobre o Português Europeu, o *Dicionário da Academia*:



**fruto** [frútu]. *s. m.* (Do lat. *fructus*). **1. Bot.** Corpo que resulta do desenvolvimento do ovário, geralmente após e como consequência da fecundação, e onde estão em regra contidas as sementes. *Muitos frutos são comestíveis e designam-se genericamente por fruta. ~~Fruto é fruto. Fruto~~*

Figura 14 (Dicionário da Academia)

A entrada apresenta 7 acepções numeradas, sendo (para além da 1. aqui mostrada) as outras 6 de valores metafóricos de *fruto*. Isto significa que o lexicógrafo identifica o significado primeiro e todo o significado não metafórico de *fruto* com o valor científico (definição da Botânica, expressamente indicada) que a palavra tem. Mas como percebe que a definição que apresenta não corresponde ao conjunto de valores semânticos (pode-se chamar semema) válido para os falantes, tenta complementar a referida definição científica

com algo que pensa ser uma explicitação do conceito definido (*Muitos frutos são comestíveis e designam-se genericamente por fruta*). Ou seja, daquilo que botanicamente é considerado fruto, os que são comestíveis são *fruta*.

### 5.3. A lexicalização do protótipo

Como quem fala português e come sobremesa sabe, isto não corresponde à realidade. O tomate, todas as espécies de abóboras, o pepino e outros do género são botanicamente *frutos*, são comestíveis e não são englobados no conceito de *fruta*. Mesmo a azeitona e o limão dificilmente serão considerados *fruta*. Não é um único traço (“ser comestível”) que insere determinado fruto no conceito de *fruta*, mas um conjunto de traços potenciais dos quais o fruto em questão partilhe um feixe o mais vasto possível. Manifesta-se, aqui a diferença entre uma perspectiva componencial para a qual um único traço delimita uma categoria de membros dotados de idêntico grau de pertença (pela definição, todos os frutos comestíveis são, em grau idêntico, *fruta*) e uma visão prototípica, que admite que os elementos englobáveis em *fruta* partilham desigualmente um conjunto de características estruturadoras da categoria. E essas características essencialmente são (como revelam os inquéritos analisados) comer-se, comer-se cru, vir de árvores, ser doce, ser sumarento. E depois outras que decorrem destas, como comer-se à sobremesa ou não acompanhar vegetais.

Poder-se-ia esperar que a definição lexicográfica tão breve de *fruta* se devesse ao carácter sucinto que tinha que ter por aparecer inserida em *fruto*. No entanto, na entrada autónoma, a definição através de uma única condição necessária e suficiente, mantém-se:

**fruta** [frúte]. *s. f.* (De *fruto*). 1. Conjunto dos frutos comestíveis. + *verde, madura, podre; comer +; cortar, descascar a +*. **fruta cristalizada**, frutos, ou a casca dos mesmos, cobertos por uma calda de açúcar, que, depois de secar, os conserva em estado de serem consumidos durante um período de tempo considerável. **fruta da época**. 1. Frutos comestíveis característicos de cada época do ano. 2. O que é próprio, característico do tempo, dos costumes. *No Inverno, as constipações são fruto da época.* **fruta de abano**, a que quando muito madura cai ao sacudir-se a árvore. **fruta de Inverno**, frutos que acabam de amadurecer nesta estação. **salada<sup>a</sup> de fruta(s)**. 2. Cada fruto comestível.

Figura 15 (Dicionário da Academia)

É curioso verificar que em dicionários mais antigos há uma muito maior aproximação à realidade que o conceito cobre, já que se apresenta uma descrição cognitivamente experiencialista. No clássico Moraes:

**Fructa**, ou **Fruta**, e deriv. s.f. (do Lat. *fructus*, ou de *fruíta*, desin. fem de *fruitus*, *a,um* p.p. de *frui*, gosar.) Os fructus das arvores, arbustos, e de algumas plantas, que se comem, mais por goso que para sustento: v.g. as peras, as laranjas, os morangos, a melancia, o melão, o abacaxi [...] (Moraes Silva:1891)

Realce-se a referência às particularidades prototípicas e de organização conceptual que indicámos atrás como resultantes das explicitações dos falantes (Figura 16).

<b>Orgânica conceptual</b>	<b>Dicionário Moraes</b>
1. Para que serve?	comem-se
2. É bom ou mau?	bom (comem-se por “goso”)
3. Qual a origem/pertença?	árvores, arbustos, plantas
4. Quais são as particularidades mais salientes?	vêm das árvores, comem-se por “goso”
5. Quais são as particularidades que, entre as mais salientes, podem não estar presentes em certos casos?	podem vir de arbustos ou plantas
6. A que outras realidades se pode (metaforicamente) aplicar?	VER FRUTA/FRUTO

Figura 16

Assinale-se, ainda, a exemplificação, praticamente por ordem de pertença prototípica: “v.g. *as peras, as laranjas, os morangos, a melancia, o melão, o abacaxi*” (não esquecer que Moraes nasceu no Brasil e esta edição é brasileira).

Depreende-se, do que se viu, que o conceito de *fruta* demarca uma parte do conceito de *fruto*. Só que essa demarcação não corresponde a um conceito moldado apenas por uma vertente de *fruto* (“os que se comem”). Nem tão pouco assenta em vectores diferentes. O esquema componencial, a nível linguístico, dos dois conceitos é o mesmo. Só que um (*fruta*) corresponde ao núcleo conceptual, constituído pelos membros mais prototípicos do outro (*fruto*). Ou seja, a nível linguístico, a *fruta* é o conjunto dos frutos tidos como melhores exemplos da categoria linguística *fruto* (Figura 17).

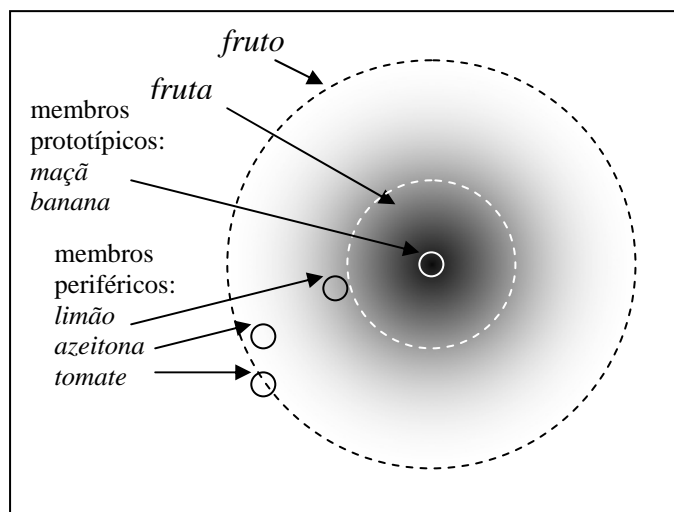


Figura 17

Esta organização léxico-semântica é interessante e rara. Habitualmente a língua não lexicaliza os núcleos prototípicos das categorias: não há uma palavra específica para designar as flores, os pássaros ou as árvores que possuam mais prototipicidade. Por que é que acontece com os frutos? Naturalmente por causa da enorme importância para a sobrevivência da espécie humana e para o seu dia a dia que os elementos que compõem esta categoria têm. Sempre foi fundamental distinguir os frutos que se podem comer crus dos que não se podem, ou os doces e com sumo dos que assim não são. A estruturação vocabular de línguas como a portuguesa (ao contrário de outras) optou por lexicalmente mostrar a importância da distinção conceptual<sup>21</sup>.

Entenda-se que *fruta* designa o núcleo prototípico do conceito linguístico de *fruto* (como já se acentuou), mas não do conceito científico, botânico. O conceito linguístico de fruto (no seu sentido central, não estendido ou metafórico ou seja, os “frutos mesmo frutos”) não inclui abóboras, pepinos ou tomates. Na perspectiva metafórica, claro que sim, tal como se pode dizer que as batatas e o milho também o são.

#### 5.4. Membros centrais e periféricos

As conclusões que se foram apresentando sobre a organização prototípica do conceito de *fruto* basearam-se nos inquéritos da nomeação de frutos (que mostram o diferente grau

<sup>21</sup> Esta identificação de *fruta* com o núcleo dos *frutos* leva a que em determinadas expressões os dois lexemas sejam equivalentes. Por exemplo, a expressão *árvores de fruto* (que os dicionários registam devido à sua frequência) equivale a *árvores de fruta*. Uma oliveira ou um pinheiro não são bem *árvores de fruto*, embora dêem frutos. *Árvores de fruto* são aquelas que dão os frutos que nascem em árvores e se designam por fruta: maçãs, bananas, peras, pêssegos, laranjas, ...

de evocabilidade que cada membro possui) e no da descrição das propriedades mais salientes da categoria.

Concluiu-se, a partir deles, que a categoria em análise—*fruto*—possui determinados membros mais facilmente evocados. Mas até que ponto estes resultados são compatíveis com o grau de prototipicidade de cada fruto? Ou seja, o facto de um fruto ser mais facilmente evocado estará relacionado de alguma forma com a sua proximidade do núcleo dos elementos prototípicos da categoria?

Para verificar esta relação foram feitos nove inquéritos, a um total de 430 falantes, sobre um dado grupo de frutos que ocupam lugares diferentes na escala das nomeações. A cada inquirido era dada uma folha A4 em que se pedia para escolher a afirmação que melhor retratava a respectiva opinião relativamente a cada um dos frutos apresentados (pêssego, maçã, azeitona, castanha, morango, noz, tomate, bolota, banana, limão):

**Ponha um  na afirmação que considere mais adequada para cada fruto:**

**PÊSSEGO**

- 0- Não é um fruto
- 1- Não sei se é um fruto ou não
- 2- Talvez seja um fruto
- 3- Deve ser um fruto, mas não parece
- 4- É um fruto
- 5- É um fruto típico
- 6- É um dos frutos mais típicos

Esta escala repete-se para cada um dos 10 frutos indicados.

Os resultados globais<sup>22</sup> organizados em gráfico foram os seguintes:

Neste gráfico (Figura 18) podemos encontrar nitidamente três grupos:

---

<sup>22</sup> Ver os resultados globais numéricos em Anexo. Estes resultados globais correspondem a um conjunto de nove inquéritos feitos a falantes de diversas idades. Os resultados de cada inquérito aparecem em Anexo final. Pode-se constatar a relativa invariância dos resultados, que mostram apreciações muito semelhantes para cada fruto em cada um dos nove inquéritos parciais.



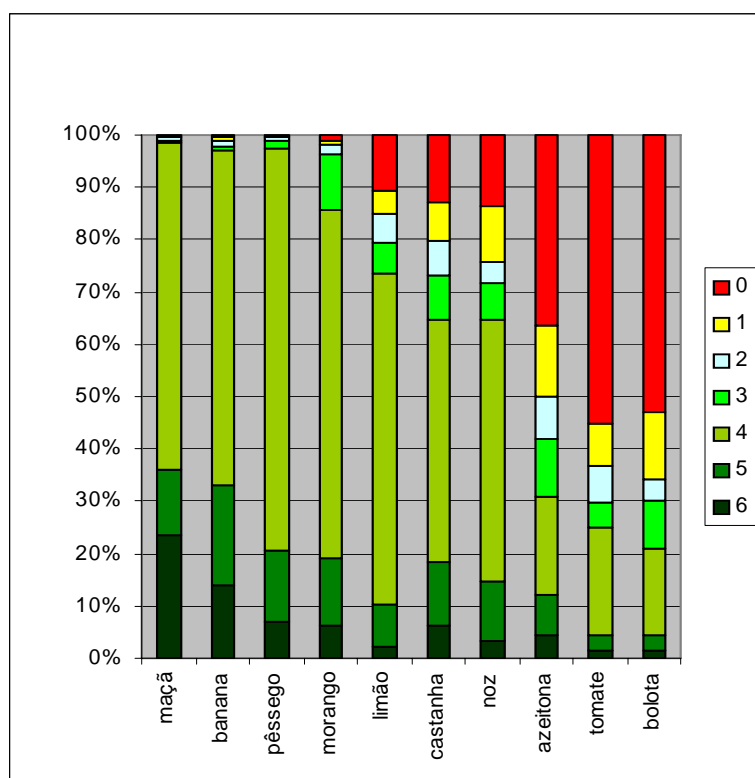


Figura 18: Gráfico dos resultados globais

- um grupo constituído pelos frutos assinalados como muito prototípicos por praticamente todos os inquiridos (maçã, banana, pêsego e morango);
- um segundo grupo que inclui um conjunto de frutos ainda sentidos como tal pela esmagadora maioria mas com uma percentagem significativa de inquiridos que acha que não são frutos (limão, castanha e noz);
- um terceiro grupo constituído pelos elementos que apenas uma pequena percentagem de inquiridos incluiria na categoria *fruto* (azeitona, tomate, bolota).

Se compararmos os resultados deste inquérito com a listagem geral obtida através da nomeação de frutos, vemos que a coincidência é, no essencial, completa<sup>23</sup>. Os frutos que foram considerados muito prototípicos (maçã, banana, pêsego e morango) ocupam também os primeiros lugares na listagem de frutos (respectivamente, 1º, 2º, 7º e 5º lugar); os que foram classificados a seguir, menos prototípicos, com desvio de prototipicidade muito semelhante, assim aparecem também no inquérito da listagem: ocupam os lugares 19º (limão), 20º (castanha) e 22º (noz); os que foram considerados apenas marginalmente como frutos, situam-se também nos últimos lugares da listagem: 48º (tomate), 49º (azeitona) e 58º (bolota).

Veja-se, num gráfico comparativo (Figura 19), como os classificados como muito prototípicos ocupam a posição mais elevada no gráfico da listagem, os medianamente

<sup>23</sup> Como é evidente, os inquiridos não são os mesmos nos dois inquéritos.

prototípicos ocupam uma posição média no mesmo inquérito e os classificados como marginais ocupam igualmente posições marginais na escala que traduz a evocabilidade.

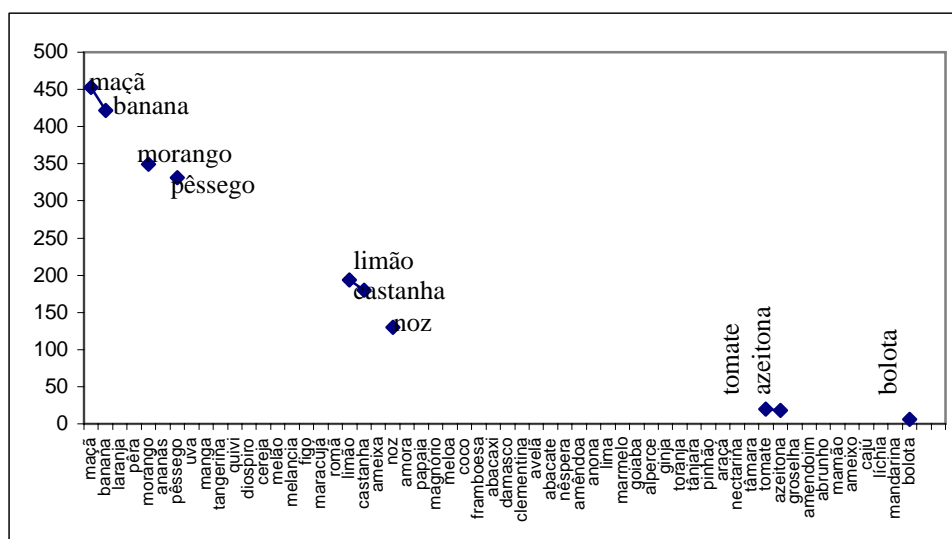


Figura 19

## 6. A partir dos dados, algumas conclusões

Os dados apresentados demonstram a estabilidade orgânica da categorias *fruto* e simultaneamente a variabilidade e a abertura à contínua reformulabilidade da mesma categoria.

A estabilidade comprova-se através da coincidência entre os resultados dos vários tipos de inquéritos, bem assim como dentro dos inquéritos parciais.

Assim, nos 6 inquéritos destinados a aferir a frequência de nomeação (490 inquiridos e 7731 frutos nomeados) verifica-se uma coincidência global. Quer os frutos mais nomeados, quer os medianamente nomeados, quer os pouco nomeados, para além de pequenas diferenças, são os mesmos em cada um, como se pode comprovar pelos gráficos das Figuras 11 e 12. Acrescentar a isto, verifica-se que os elementos mais nomeados coincidem com as primeiras posições de nomeação. Ou seja, um fruto quanto mais vezes nomeado for, mais tendência tem para ser um dos primeiros a ser nomeado. Parece concluir-se, desta constatação, uma relação muito estreita entre a frequência e a facilidade de nomeação ou evocabilidade. Note-se, igualmente, que os elementos mais nomeados são os que melhor preenchem os requisitos que os falantes descreveram como caracterizadores da categoria (comer-se cru, ser doce, ser sumarento, nascer em árvores...)

Daqui se pode concluir que os falantes atribuem valores diferenciados de pertença aos membros de cada categoria: uns são mais (frutos) que outros, porque são familiares aos

falantes e possuem em alto grau um feixe que inclui os parâmetros principais que caracterizam a categoria. Este aspecto foi corroborado pelos resultados dos 9 inquiridos que mostravam como os falantes coincidem entre eles (e confirmam os dados dos inquiridos anteriormente apresentados) quando atribuem um grau de pertença a cada elemento da categoria (cfr.Figura 18 para resultados globais e Anexo 3 final para a totalidade destes inquiridos).

A nível lexical, é curioso constatar que o português lexicaliza a zona do protótipo de *fruto* (ver Figura 17). Esta lexicalização do protótipo, que não é um procedimento habitual na categorização, demonstra, naturalmente, a importância vivencial das realidades referenciadas pelas categorias. Demonstra, igualmente, a nível lexical, o conhecimento implícito que os falantes têm sobre o modo como funcionam as categorias: os membros não são todos idênticos em estatuto, havendo um núcleo central detentor da representatividade em mais alto grau. Ora como, neste caso, esse núcleo se apresenta lexicalizado, dá-se o facto curioso de haver uma palavra (*fruta*) que representa a essência significativa de uma outra (*fruto/s*).

É a percepção desta implicação significativa (“frutos em mais alto grau”= *fruta*) que permite que, na rede lexical, o termo mais abrangente (*fruto*) possa ser usado com o valor, não dele mesmo na normalidade, mas com o valor do outro (*fruta*), tido como o que abarca os melhores exemplares. Assim, a expressão “árvores de fruto” (que os dicionários habitualmente registam) refere realmente “árvores de fruta”: tipicamente, são “árvores de fruto” as pereiras, as macieiras, as laranjeiras, mas não os pinheiros, os carvalhos ou as oliveiras, embora também estas árvores dêem frutos.

Como se vê, há um conjunto de invariâncias entre os falantes relativamente à estrutura e aos elementos componentes de uma categoria. No entanto, não é uma invariância estática, mas dinâmica, continuamente reformulável. A organização categorial é uma espécie de estrutura fractal, no sentido em que estas estruturas são entendidas pela Teoria do Caos. Estruturas “caóticas” que incluem vários níveis sempre indeterminadamente complexos: uma categoria implica organizações categoriais que implicam outras categorias e assim sucessivamente até à organização complexa que relaciona todo o *stock* linguístico-cognitivo<sup>24</sup>.

Esta invariância dinâmica reflecte-se na não identidade absoluta do conceito para todos os falantes e na possibilidade de extensão que o mesmo conceito apresenta. Como as zonas periféricas podem ser mais ou menos extensas, para uns falantes, uma realidade é um

---

<sup>24</sup> A propósito da comparação entre a organização lexical do significado linguístico e as estruturas fractais da Teoria do Caos, ver Teixeira 2001:26-34 e Teixeira 2004:189-207.

fruto, mas para outros é capaz de não ser. É esta capacidade de fronteira elástica que os conceitos têm que permite a sua contínua reformulabilidade, quer quanto aos membros constituintes, quer quanto aos parâmetros que configuram as suas valências.

Deste modo, o conceito organiza as relações centro-periferia entre os seus membros por mecanismos de associação cognitiva e não apenas com o protótipo. Ou seja, a referência ao carácter prototípico da organização categorial poderia ser entendida como equivalendo obrigatoriamente à necessidade de qualquer membro dever sempre ser inserido na categoria por comparação com o protótipo. Só que “o protótipo” não pode ser entendido como um dos elementos que compõem a categoria, um objecto, mas como um modelo organizador, um modelo radial, abstracto, idealmente dotado das valências mais salientes da mesma categoria. Por isso, a ligação de pertença de um membro não se faz apenas relativamente ao protótipo, mas a um ou outro dos membros da categoria. Eles engastam-se uns nos outros, como as cerejas. Um determinado elemento pode não ter muitas ou as principais características do protótipo, ou mesmo ter características opostas, mas se for cognitivamente associado a um outro dotado de grande prototipicidade, ele tem tendência a ser inserido ou, pelo menos, ocupar as margens da categoria.

É o que acontece, por exemplo, com o limão e que explicará o facto de este fruto ser aquele (ou daqueles) que apresenta mais oscilações nos resultados dos inquéritos. Se repararmos no gráfico da Figura 12 ou nos resultados globais (em Anexo 1) notamos diferenças significativas de peso proporcional da representatividade deste fruto: no inquérito D tem uma grande representatividade e no A bastante pequena (o gráfico comparativo mostra que as linhas dos resultados quase se tocam, ou seja, nos dois o limão obtém quase as mesmas nomeações, apesar de o inquérito A ter mais do que o dobro dos inquiridos de D). Isoladamente considerado, o limão apresenta aspectos opostos aos elementos insersores na categoria *fruto*: não se come à sobremesa e é amargo. No entanto, o facto de estar associado a um grupo muito prototípico, o grupo das laranjas e tangerinas, faz com que seja facilmente evocado, embora sempre muito menos do que as laranjas. Há, portanto, um encadeamento entre membros e não em comparação com o protótipo. Até na ordem pela qual as citações são feitas se vê isto mesmo. O limão, quando é indicado, aparece quase sempre a seguir à laranja e um maior peso percentual deste fruto acarreta um aumento de referências àquele.

Outro exemplo de associação cognitiva de entrelaçamento entre elementos verifica-se entre o melão e a melancia. Neste caso, como partilham propriedades do protótipo em grau muito semelhante, obtém resultados muito idênticos, embora quase sempre com uma

ligeira vantagem do melão, habitualmente citado antes da melancia (as pessoas, ao nomearem os frutos, dizem por norma “melão, melancia” e muito raramente “melancia, melão).

Noutros aspectos se podem detectar sinais da importância que o *stock* cognitivo dos falantes tem na organização, percepção e manipulação mental, não só da categoria global, mas das especificidades de pertença de cada um dos membros. Ou seja, cada membro não pertence à categoria por hipoteticamente partilhar um conjunto de CNS comuns, mas pelas especificidades que possui. Há até determinados aspectos semântico-cognitivos que acarretam modificações linguísticas a nível morfológico. Por exemplo, nos aspectos ligados à dimensão e volume do fruto. Não apenas do volume absoluto, mas da sua relação como facto de comermos habitualmente de cada vez um ou mais do que um. Assim, nos inquéritos “neutros” do género “Indique nomes de frutos”, há frutos que aparecem quase sempre no plural, e talvez por mais do que uma razão.

- aqueles que são mais pequenos e por isso são comidos “no plural”: *uvas, cerejas, morangos, figos*;
- por aparecerem em conjunto, em grupo: *as bananas*;

Outros aparecem sempre no singular.

- Os de grande dimensão: *melão, melancia, ananás*,
- Os novos, exóticos, têm também tendência a aparecer no singular: *a papaia, o maracujá*.

Se necessário fosse ainda confirmar as implicações que os aspectos do conhecimento do mundo têm na organização conceptual, bastaria comparar os resultados que temos vindo a referir com os de um inquérito (de nomeação de frutos) feito em Cabo Verde. Naturalmente que os resultados manifestam a relativa invariância do modelo mental do conceito *fruto* num português que não o europeu e simultaneamente a variabilidade assente nas especificidades decorrentes do conhecimento do “mundo” sócio-linguístico ao qual ele se aplica e no qual se forma (os três primeiros lugares são da banana, manga e papaia, com o mesmo número de citações –ver resultados em Anexo 4 final).

Pelos dados apresentados podem, sem grandes margens de dúvida, comprovar-se alguns dos aspectos mais caros a uma concepção semântica de cariz cognitivo. Em primeiro lugar, a impossibilidade de separar o chamado “conhecimento linguístico” do *stock* cognitivo que cada falante possui sobre o mundo (físico ou mítico) que vai apreendendo. E, por outro lado, que as categorias linguísticas não funcionam para os falantes como conjuntos estruturados em condições necessárias e suficientes, mas sendo

compostas por membros que se inter-relacionam através de diferentes estatutos de pertença.

## Referências

- Academia das Ciências de Lisboa, 1976, *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.1 (A-Azuverte), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- Aurélio Buarque da Holanda, 1999, *Novo Aurélio século XXI*, Nova Fronteira.
- Eco, Umberto, 1999 (1997), *Kant e o Ornitorrinco*, Difel.
- Lakoff, George e JOHNSON, Mark, 1980, *Metaphors We Live By*, The University of Chicago Press, Chicago.
- Lakoff, George, 1987, *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, The University of Chicago Press, Chicago and London.
- Lakoff, George, 1995, "Embodied Minds and Meanings", in Baumgartner, Peter e Payr, Sabine (Edit.), *Speaking Minds — Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*, Princeton University Press.
- Moraes Silva, Antonio de, 1891, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 8ª edição, Ed. Empreza Litteraria Fluminense, Rio de Janeiro
- Rosch, E., 1973, "On the internal structure of perceptual and semantic categories", in Moore, T. (Ed.) *Cognitive Development and the Acquisition of Language* (pp. 111-144), Academic Press, New York.
- Rosch, E., 1975, "Cognitive representations of semantic categories", *Cognitive Psychology* 7 (pp.573-605).
- Saussure, Ferdinand de, 1978, *Curso de Linguística Geral*, Dom Quixote, Lisboa.
- Silva, Augusto S., 2004 "Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento", in Dinis, Alfredo e Curado, J. M. (Org.s), *Consciência e Cognição*, Publicações da Faculdade de Filosofia da U. C. P., Braga.
- Silva, Augusto S., 1999, *A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*, F. Calouste Gulbenkian/FCT, Lisboa.
- Teixeira, José, 1996, "Branco é, Galinha o põe", in *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.
- Teixeira, José, 2001, *A verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga.
- Teixeira, José, 2004, "O equilíbrio caótico do significado linguístico", *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, nº 18/1, Universidade do Minho, Braga, pp. 189-207.
- Vieira, Frei Domingos, 1871, *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, 5 vols., Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes (Editores), Porto.

## Anexo 1

Frutos indicados	INQUÉRITOS						Total
	A	B	C	D	E	F	
maçã	201	31	37	76	30	78	453
banana	178	29	37	80	30	68	422
laranja	192	28	25	75	30	69	419
pêra	192	24	30	74	25	66	411
morango	139	24	28	72	23	63	349
ananás	159	18	21	59	24	57	338
pêssego	144	19	35	68	19	46	331
uva	163	18	28	64	20	37	330
manga	153	12	20	56	26	41	308
tangerina	133	13	23	61	20	39	289
quivi	119	22	22	56	15	30	264
diospiro	119	16	18	40	21	30	244
cereja	102	4	24	64	17	28	239
melão	105	13	16	50	16	37	237
melancia	93	13	21	45	13	37	222
figo	99	14	18	43	11	20	205
maracujá	99	16	10	40	12	23	200
romã	81	25	20	43	9	19	197
limão	66	10	23	60	11	24	194
castanha	72	15	29	44	7	13	180
ameixa	103	4	9	34	13	15	178
noz	61		18	31	10	10	130
amora	64	9	4	20	6	14	117
papaia	68	1	1	16	12	12	110
magnório	75	3	1	18	2		99
melo	44	5	2	13	8	12	84
coco	33	3	6	20	9	11	82
framboesa	41			17	6	11	75
abacaxi	47	1	6		4	12	70
damasco	52	8	2	6	1	1	70
clementina	38	7	4	4	13	3	69
avelã	39		1	20	2	4	66
abacate	33	4	2	1	3	6	49
nêspera	24	1	2	13	3	4	47
amêndoa	37	1	1	1	4	1	45
anona	40		1		2	2	45
lima	26			3	5	9	43
marmelo	34					3	37
goiaba	27			3	2	2	34
alperce	19			7	5	2	33
ginja	17			14			31
toranja	14			10	3	4	31
tânjara	21	1		1	3	3	29
pinhão	17	6	2			2	27
araçá	24						24
nectarina	22						22
tâmara	13				5	4	22
tomate	7		2	5	4	2	20
azeitona	5	1	4	1	4	3	18

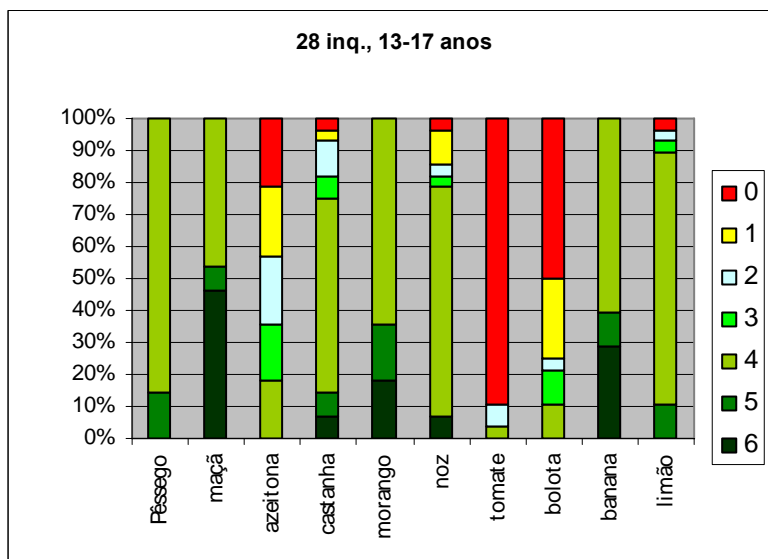
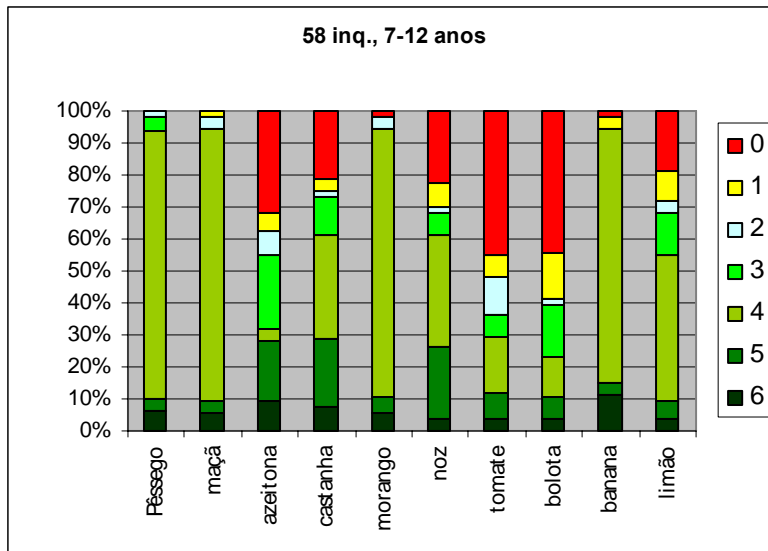
Frutos indicados	INQUÉRITOS						Total
	A	B	C	D	E	F	
groselha	15				1		16
amendoim	9		3		1	2	15
abrunho	9				3	1	13
mamão	9			1	3		13
ameixo	3		7				10
cajú	7			1	1		9
líchia	7					2	9
mandarina	8						8
bolota	2		1		3		6
medronho	5					1	6
pepino	5			1			6
beringela	5						5
coração neg	5						5
pinha	4					1	5
ancoros	4						4
carambola	1				3		4
cenoura			1	1		2	4
milho				4			4
pimento	3			1			4
cacau	1				1	1	3
caiota	3						3
mirtilo	2			1			3
pitanga	2				1		3
abóbora	2						2
acerola	1				1		2
alcachofra					2		2
batata	1					1	2
café	2						2
guaraná	1				1		2
passa	1	1					2
pistácio	2						2
alface				1			1
alfarroba	1						1
beldroega					1		1
cana/açúcar	1						1
cebola						1	1
chila						1	1
chuchu				1			1
cidra	1						1
cidrão	1						1
codorno				1			1
fisalis	1						1
jabuticaba				1			1
jaca				1			1
kiwano	1						1
malagueta	1						1
mogango	1						1
pêro					1		1
rambutan	1						1

## Anexo 2

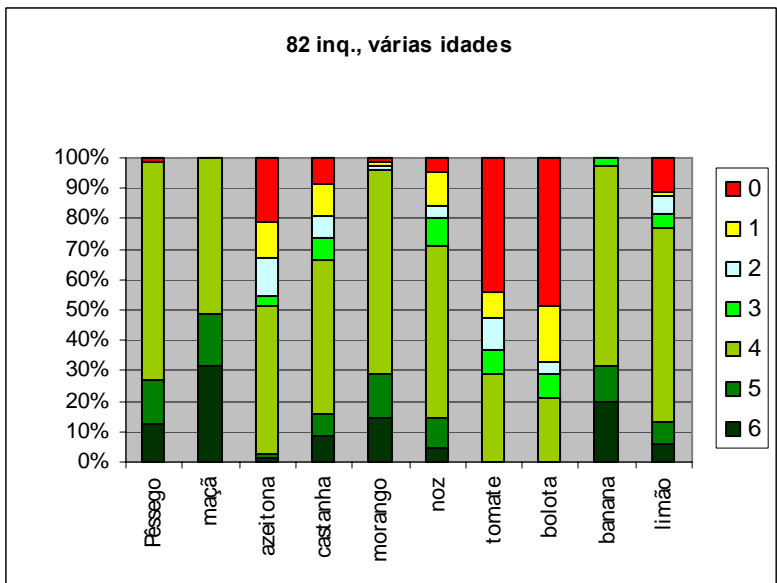
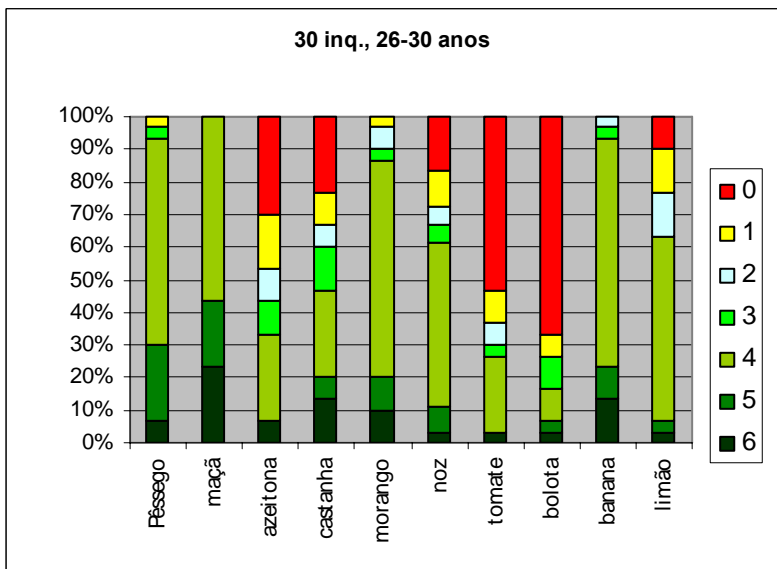
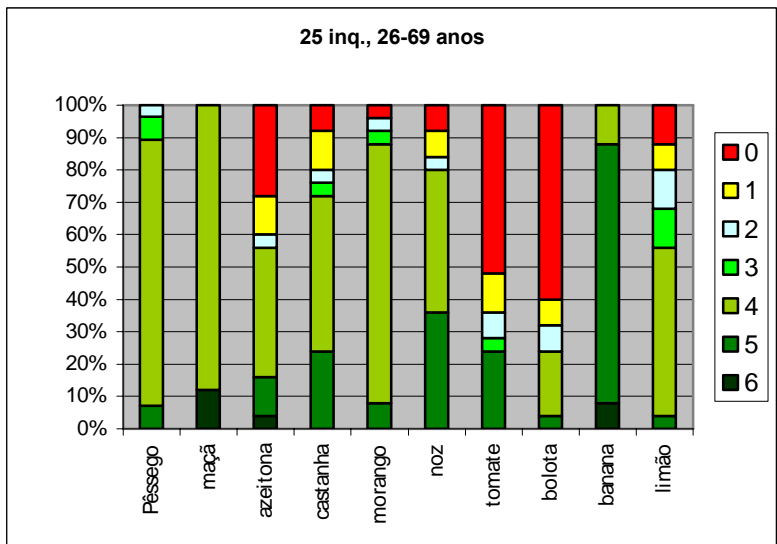
### Inquérito de níveis: Total (430 inquiridos)

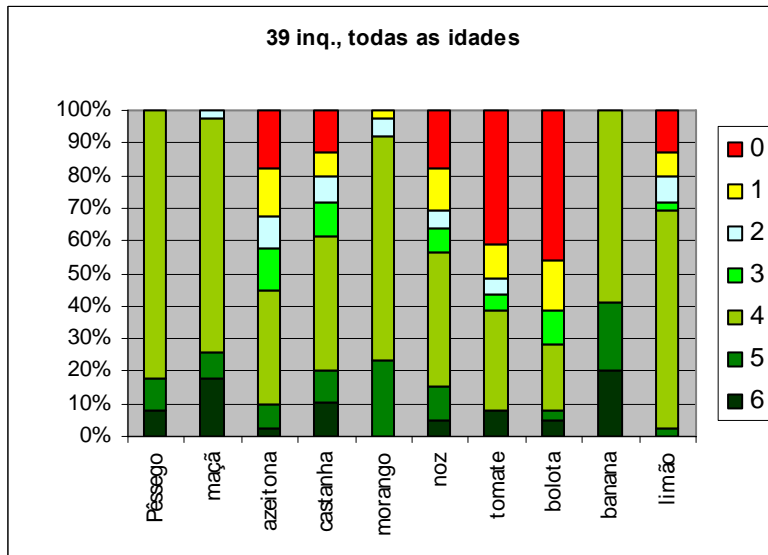
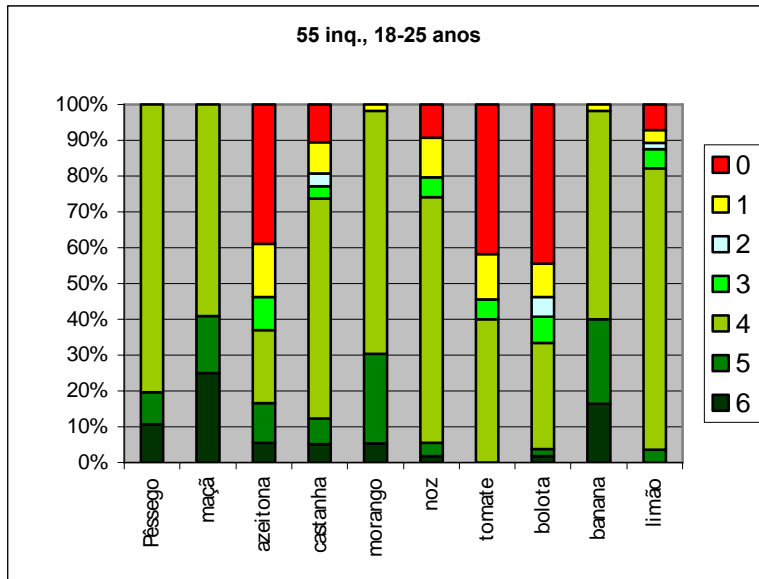
Frutos↓	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Pêssego	1	1	3	6	328	58	29
maçã	0	1	4	1	259	52	97
azeitona	144	53	33	43	74	31	17
castanha	55	32	28	35	199	51	27
morango	4	4	8	45	285	55	27
noz	59	45	18	30	215	49	14
tomate	234	33	30	20	88	12	6
bolota	226	54	17	40	70	12	7
banana	1	4	5	3	271	80	60
limão	45	19	24	25	269	35	9

## Anexo 3









**Anexo 4**

